



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES : : : : : DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE BRIT

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.D.A. • LARGO DE S. SALVADOR, 1-3 • COIMBRA • TELEF. 247

O Turismo ainda não descobriu o COLCURINHO

Creio que nunca nenhum dos senhores do turismo andou cá por estes lados, para o sul do concelho de Oliveira do Hospital.

É que custa a crêr que viesse, visse e nada fizesse.

Passam, sem dúvida, pela estrada da Beira, mesmo à beira de grandes belezas naturais e turísticas, mas não têm tempo para parar, apreciar... nem mesmo para se interessar por sítios de grande interesse turístico.

Agora andam às grandes cidades, as grandes empresas, os grandes meios e os grandes senhores, interessados em puxar as brazas para onde lhes dá grandes interesses e grandes receitas.

Na verdade, os muitos milhares de turistas deixam, por onde passam, muitos milhares de contos. Isto é de peso e há que ter isto em conta; tanto mais que o que se aproveita do movimento turístico é precisamente a «conta» e o «peso».

Claro que não se pode levar a mal que assim se proceda. Só é de estranhar que se dê muito a quem já tem muito, que se dê tudo a quem tudo tem, como se as belezas turísticas fossem privilégio, ou monopólio de certas e determinadas regiões e como se em Portugal não houvesse mais belezas para mostrar aos visitantes estrangeiros...

Nós, por exemplo, estamos numa região cheia de belezas e de encantos.

Se Portugal é o Jardim da Europa à beira-mar plantado, toda a Beira é o mais viçoso e o lindo canteiro desse jardim encantado.

Quem passa pela estrada, a cento e tal à hora, não dá conta das grandes belezas e encantos que Deus espalhou pela nossa região.

Os senhores do turismo já viram e apreciaram o vale da ribeira d'Alva até perto de S. Romão?

Já passaram a contemplar as justamente faladas varandas de Avô?

Já viram a Ponte das Três Entradas, possivelmente a única no género em todo o Portugal?

Os senhores do turismo já se encheram de coragem para subir à Senhora das Preces e depois ao Colcurinho — o monte sagrado da Beira — onde a terra acaba e o céu começa?

Não, nem sequer ainda o descobriram, apesar de estar bem à vista e de se ver de muitas léguas em redor.

Descobrir, isto é, reconhecer-lhe o seu valor turístico e proporcionar-lhe os meios necessários para que os visitantes tenham a possibilidade de apreciar as mais belas maravilhas da natureza e ao mesmo tempo tornar-lhes a visita útil, cómoda e agradável.

O Colcurinho com os seus arredores, com os seus vastíssimos e variados horizontes, com a sua posição e elevação geográfica, seria suficiente para figurar e encher o cartaz turístico.

E se às belezas e maravilhas da natureza, se juntasse o engenho e a habilidade dos homens, o Colcurinho seria o mais belo e mais maravilhoso local turístico do centro de Portugal.

PEQUENO ANO SANTO

O jubileu especial ou Pequeno Ano Santo decretado pelo Santo Padre, Paulo VI, para assinalar o feliz termo do Concílio Ecuménico, principiou em 1 de Janeiro e prolonga-se até 29 de Maio.

Este «pequeno Ano Santo» destina-se a agradecer a Deus «os imensos benefícios que concedeu à Igreja pelo Concílio», a preparar os fiéis com vista à aplicação dos decretos conciliares e a tornar possível a realização da «tão desejada renovação da vida individual, familiar, pública e social».

Escreveu ainda o Santo Padre naquele documento:

«Esperamos que o jubileu leve os fiéis excelentes a prodigalizarem-se ainda mais, e os bons a darem provas de maior generosidade no cumprimento do dever cristão quotidiano, tal como foi proposto pela lei de Deus. Apraza ao Céu que durante o período jubilar, aqueles que tenham olvidado ou esquecido ou mesmo repudiado a fé em Deus, saibam aproveitar a circunstância excepcional que lhes é proporcionada para ficarem em paz com o Senhor».

O Santo Padre concedeu ainda aos Senhores Bispos o direito de indicarem as condições para se ganharem as indulgências.

QUEM DERA QUE PARA AS CRIANÇAS POBRES FOSSE NATAL TODO O ANO

O Natal é na verdade a festa da família e muito especialmente a festa das crianças.

A alegria delas enche as casas e as igrejas, transborda para as ruas e comunica-se a toda a gente.

É Natal... e o Menino Jesus traz prendas, traz brinquedos e enche as mesas de coisas boas.

As crianças vivem dias de grande felicidade.

As crianças pobres participam dessa felicidade, porque participam da mesma alegria de receber. Para elas é até maior felicidade, porque para as crianças ricas é Natal todo o ano, porque nada lhes falta, mas para as crianças pobres é suprema alegria ter, em dois ou três dias, o que nunca tiveram durante o ano.

Mas o Natal passa... Os cânticos de alegria que encheram igrejas, ruas e lares extinguem-se, perdem-se nas abóbadas ou no firmamento.

As crianças ricas continuam ricas e satisfeitas. Mas as pobres... essas continuam pobres, pobres de tudo, até de carinho e de amor.

Quem dera que também para elas fosse Natal todo o ano...

Sim, o calor do Natal apa-

gou-se, a abundância da mesa que os seus olhos regalados viram e saborearam acabou-se; a fome voltou, o frio continua a flagelar e a enregelar os corpinhos pequeninos e vagueiam pelas ruas, sem saber porquê, sem saber para onde... expostas a todos os perigos e a todos os infortúnios.

O amor cristão deve entrar em acção. O amor cristão deve desfazer-se em pão e amor, em carinhos e agasalhos.

O amor cristão vai ao seu encontro; prepara-lhes um tecto que as abrigue, chama-as, põe-lhes a mesa, não um só dia, mas todos os dias, porque todos os dias precisam de comer.

É assim que nascem as instituições de caridade.

Quem dera que em todas as populações, em todas as freguesias houvesse uma casa que de dia recolhesse as crianças pobres e lhes prestasse os cuidados de que precisam.

Ninguém pode saber todo o bem que faz, quando faz o bem e nunca será demais tudo o que se fizer a bem das crianças.

QUEM GASTA MAIS DO QUE GANHA...

Quem ganha 1 e gasta 2
Nada tem para depois.
Quem ganha 2 e gasta 3
Nada tem p'ra outra vez.
Quem ganha 3 e gasta 4
Escusa de bolsa nem saco.

Quem ganha 4 e gasta 5
Tem que andar sempre faminto.

Quem ganha 5 e gasta 6
Nunca juntará dez reis.

Quem ganha 6 e gasta 7
Olhe lá no que se mete.

Quem ganha 7 e gasta 8
Não poderá andar afoito.

Quem ganha 8 e gasta 9
De rico chega a ser pobre.

Quem ganha 9 e gasta 10
Fica sem sapatos nos pés.

Festa da Senhora das Preces

A festa ainda vem longe e já recebemos, há meses correspondência de algumas empresas de camionagem a perguntar quando é a festa da Senhora das Preces, porque já têm muitos pedidos de aluguer para cá.

E nós já respondemos, o que toda a gente já sabe, que a grande e tradicional Festa de Nossa Senhora das Preces se realiza sempre no terceiro domingo de Julho, portanto no dia 17 de Julho.

Os senhores, se já têm agenda escrevam lá, no dia 17 de Julho, Festa da Senhora das Preces.

Não se pode faltar, porque não há festa igual a esta. Aponte, não se esqueça e arranje carro a tempo.

Boas Festas

Ao principiarmos um NOVO ANO, queremos desejar a todos os nossos estimados assinantes, leitores e suas famílias, as maiores prosperidades e as melhores graças de Nossa Senhora das Preces.

Assinaturas pagas

da VOZ DO SANTUÁRIO
durante o mês de Dezembro

Com 10\$00 pagaram os Senhores:

António Domingos Tavares, Covilhã.

António Afonso do Nascimento, Aldeia das Dez.

José Coelho, Salgueiral de Côja.

Henrique Baila da Fonseca, Coimbra.

Manuel Mendes Figueiredo, Aldeia das Dez.

José Guilherme Júnior, Parente.

José Tomás, Lisboa.

Manuel Roque, Lisboa.

Artur Martins dos Santos, Goulinho.

D. Maria da Mota e Silva, Catraia de S. Paio

D. Adelina da Conceição Moura, Aldeia das Dez

José Domingos, Sobral Magro.

António Gonçalves, Lisboa

Mário Dias Correia, Vale de Maceira.

Serafim Torres, Aldeia das Dez.

António Dias Figueiredo, Aldeia das Dez.

José Dias Alves, Covilhã.

Maximino de Jesus Martins, S. Sebastião da Feira

D. Maria de Oliveira, Aldeia das Dez.

António dos Santos, Lisboa.

António Guilherme, Lisboa.

José Mendes, Lisboa.

António Damásio, Lisboa.

António Damásio, Gramaça.

Hermenegildo Nunes, Lisboa.

Anibal Pereira Madeira.

Com 15\$00 pagaram os Senhores:

Silvério Castanheira, Lisboa.

José Francisco Castanheira, Lisboa.

D. Sofia Amélia de Jesus, Lisboa.

D. Laura Augusta Amaral, Aldeia das Dez.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

António dos Santos Dinis, Secolinho.

D. Maria da Ascensão, Angola

Armando Dias dos Santos, Angola.

Freire de Lima, Amadora.

Fausto Ferrão Rocha, Lagares da Beira.

D. Rosária Mendes, Argentina

Manuel Dias Moreira, Argentina.

José Dias da Silva, Angola.

António Dias, Chão Sobral.

José Moreira, Benguela.

Alfredo Mendes Abranches, Lisboa.

Mário A. Amaral, Aldeia das Dez.

Teresa de Jesus Mendes, Aldeia das Dez.

D. Fernanda de Jesus Gouveia, Coimbra.

Adelino Lopes Mendes, Caldas de S. Paulo.

João Antunes Freire, Sarzedas.

Manuel Nunes da Fonseca, Aldeia de Nogueira.

D. Dotília de Sousa Mota, Lisboa.

Adelino Marques Garcia, Caldas da Rainha

D. Maria do Nascimento Alves, Lisboa.

José Carlos da Silva Oliveira, Lobito.

José Marques de Oliveira, Aldeia das Dez.

D. Maria Manuela Abranches Nobre, Coimbra.

D. Maria Preciosa Gil Figueira Nobre, Coimbra.

Hermínio Antunes de Sousa, Molelos.

António Pereira, Lisboa.

António de Oliveira, Ponte das Três Entradas.

Com 30\$00 pagou o Sr. Amílcar Gonçalves Hal, Lisboa.

Com 40\$00 pagou o Sr. Génésio Mendes Formigo, Lisboa.

Com 50\$00 pagaram os Senhores João Nunes Garcia, Covilhã.

D. Maria Augusta Gil Pereira, Lisboa.

José Freire de Castro, Malhadas Cilhas, Vide.

Germano dos Santos, Lisboa.

António Ferreira, Aldeia de Nogueira.

Luciano Brito Marques, Pará — Brasil.

Com 100\$00 pagaram os Senhores:

João Gonçalves Matoso, Brasil.

Dr. José Gonçalves Matoso, Brasil.

Condições de assinatura por um ano

A «Voz do Santuário» que se publica uma vez por mês tem duas categorias de assinantes:

Simple assinantes . . 10\$00

Assinantes benfeitores 20\$00

Para o estrangeiro . . 20\$00

A TERRA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Desembarcou há anos em Lisboa, no Tejo misterioso... Leão dos mares... um velho e santo missionário. Sabeis qual foi o seu primeiro gesto ao pisar a terra portuguesa? «Ajoelhou-se e beijou-a devotamente!» Interrogado por que fazia aquilo, respondeu: — «Porque vejo pela primeira vez, a Terra do Santíssimo Sacramento».

A História de Portugal é uma sinfonia de devoção a Jesus Eucaristia. Em milhares de igrejas, na maior parte delas talvez, existe a Confraria do Santíssimo Sacramento. As nossas igrejas têm todas, quase sem excepção, e isto é único no Mundo, um trono grandioso no altar-mór, e alguns desses tronos são lavrados artisticamente em talha, outros têm 9, 12 e até 15 metros de altura, e todos se destinam exclusivamente para a exposição solene e demorada do Santíssimo Sacramento. Com eles quer o nosso povo representar o excelso trono de Deus no Céu, e na decoração e adorno desses tronos gastam-se às vezes quantias muito grandes. Tronos iguais não se vêem em nenhuma parte fora de Portugal. Algumas das nossas igrejas possuem sacrários artísticos e riquíssimos, como por exemplo, a de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, todo dourado em prata e que é um dos mais artísticos e talvez o mais antigo.

Quando começou a vir o primeiro ouro das nossas descobertas de África e Ásia, D. Manuel I mandou lavar aquela artística e enorme custódia, toda

de ouro que estava no mosteiro dos Jerónimos e que hoje se conserva no Museu Nacional de Arte Antiga. É talvez a custódia mais artística de todo o Mundo e causa um verdadeiro pasmo aos visitantes que a vão ver.

E se do panorama artístico passarmos à oração fervorosa diante do Sacrário e à Comunhão devotamente recebida, a sinfonia de devoção ao Senhor Jesus da Eucaristia continua mais melodiosa ainda. Na Comunhão tiveram os nossos antepassados coragem e heroísmo para defender a Pátria, conservar-lhe a independência, e propagar-lhe as glórias. Nuno Álvares comungava frequentemente e perguntando-lhe um dia a razão desta hábito, tão pouco comum naquela época, respondeu: «*Tirem-me esse alimento divino e tirar-me-ão as minhas vitórias*»!

Quando de Lisboa saíam aquelas caravelas que foram descobrir novos continentes e dar ao Mundo novos mundos, todos os que embarcavam se confessavam e comungavam! Eram assim os nossos maiores. Por isso triunfavam...

Os nossos reis deram sempre expressivos exemplos de devoção ao Santíssimo Sacramento. D. João I, quando da tomada de Ceuta aos mouros, levava na galé real o Santíssimo Sacramento. D. João IV retirava a mão aos sacerdotes que lha quisessem beijar. D. João V fundou no Lourical um convento de desagravo e adoração perpétua. D. Teodósio, segundo

Duque de Bragança, levantava-se a qualquer hora e em qualquer época do ano, ao primeiro toque de Viático, para o acompanhar. A Rainha D. Catarina lavava os corporais e tecia véus de ouro para os sacrários. D. Mariana de Áustria, esposa de D. João V, cujo corpo foi encontrado incorrupto em 1780 — 26 anos depois de falecida — acompanhava o sagrado Lausperene nas igrejas de Lisboa. Finalmente, por motivo do desacato cometido na igreja paroquial de Santa Engrácia em Lisboa na noite de 15 de Janeiro de 1630, foi fundada a Irmandade das Escravas do Santíssimo Sacramento do Mosteiro da Encarnação, etc.

Como acabamos de ver, numa síntese muito resumida, Portugal é a Terra do Santíssimo Sacramento. Que não esmoreça em nós, portugueses do século XX, esta devoção a Jesus Sacramentado. Os nossos antepassados legaram-nos um património sagrado. Não o percamos. E, para terminar, rezemos todos com a liturgia: «*Louvemos o nosso Salvador. / Louvemos o nosso Guia e Pastor / Com hinos e com cânticos. / Louvemo-Lo quanto pudermos, / Porque nunca chegaremos A louvá-Lo como Ele merece. / Hoje há um motivo especial / Para Lhe rendermos louvar: / É o mistério do Pão da Vida. / Seja completo o louvor, / Seja vibrante e sonoro: / Haja em todos alegria!*»

DOMINGOS DE GONDIFLOSE

ANEDOTA

— Um viajante notou, em certo restaurante, que a sopa lhe era servida por criadas de cabelos louros e o café por pequenas de cabelos pretos.

— Questão de estética? — perguntou.

— Não — respondeu-lhe o chefe da mesa. — É porque os cabelos louros não se notam na sopa, nem os pretos se distinguem no café...

Um pastor protestante estava lendo uma passagem da Bíblia aos seus adeptos.

Depois de pôr a luneta, leu:

— «Então Deus deu uma companheira a Adão».

E voltando a folha continuou:

— «E era alcatroada por dentro e por fora e cheia de todas as espécies de animais».

Tinha saltado uma folha e passou a ler a descrição da Arca de Noé!

CURIOSIDADES

Em Moçambique faleceu há dias o homem mais magro do Mundo. Tinha 1,69 m de altura e pesava apenas 33 quilos. Chamava-se Francisco Mozio. Os médicos nunca foram capazes de explicar as causas de tal emagrecimento.

Agora, também em Moçambique, vive o homem mais alto do Mundo.

Chama-se Gabriel Estêvão Monjane, vive perto de Lourenço Marques, tem dois metros e trinta e oito centímetros de altura. Tem 21 anos e ainda está a crescer.

Que digam lá os sábios da Escritura, que segredos são estes da Natureza.

D. FRANCISCO RENDEIRO Bispo-coadjutor de Coimbra

No próximo dia 6 de Fevereiro, deve dar entrada em Coimbra, o Senhor D. Francisco Rendeiro, na qualidade de Bispo coadjutor do Senhor Arcebispo D. Ernesto Sena de Oliveira, com direito de sucessão.

Que Deus o traga em boa hora.

Aldeia das Dez Alvoco de Várzeas

Casamento — No dia 23 de Dezembro, na igreja paroquial de Aldeia das Dez, realizou-se o casamento do Sr. Adelino de Sousa Costa, enfermeiro nos hospitais da Universidade, natural do Paião e residente em Coimbra, com D. Fernanda de Jesus Gouveia, enfermeira também nos Hospitais da Universidade, natural de Aldeia das Dez e residente em Coimbra, filha do Sr. Artur Gouveia e da Sr.^a Laurinda de Jesus, já falecida.

Foram padrinhos o Sr. Alexandre de Campos, motorista, residente em S. João de Areias e o Sr. Viriato Gouveia, irmão da noiva.

Ao novo lar desejamos muitas felicidades e muitas prosperidades.

Avelar — No dia 15 do corrente realiza-se nesta localidade a tradicional festa do nosso padroeiro, Santo Amaro. Constará de missa e sermão às 11 horas e leilão de ofertas.

— **Santo Antão** — No dia 17 do corrente, no lugar do Colcurinho, na Capela de Santo Antão, haverá missa às 11 horas e no fim leilão das ofertas.

— **Goulinho** — No dia 25 do corrente, no lugar do Goulinho, realiza-se a festa do Apóstolo São Paulo, padroeiro do lugar.

Às 11 horas haverá missa, sermão e leilão das ofertas.

Movimento paroquial — No ano findo de 1965, houve nesta freguesia, 25 baptizados, 8 casamentos e 17 falecimentos.

Falecimentos — No lugar do Secolinho, no dia 25 de Dezembro, faleceu o Sr. Manuel Mendes de Oliveira, mais conhecido por Manuel Margarida, de setenta e cinco anos de idade, casado com a Sr.^a Adelaide Castanheira.

— No dia 2 de Janeiro, em Aldeia das Dez, faleceu a Sr.^a Ana Mortágua, de 84 anos de idade, solteira. Foi criada de servir durante muitos anos em casa do Sr. José Gabriel Tavares, falecido, em casa do qual veio a falecer.

O seu funeral realizou-se no dia 3.

Baptismos — Em 3 de Outubro, Victor, filho de José Bernardo Lobo e de Maria José da Silva Fonseca.

— Fernando, filho de António Gouveia da Silva e de Deolinda da Conceição Alves da Fonseca, em 27 de Outubro.

Falecimentos — Em 28 de Novembro, Libânia da Fonseca, de 91 anos, viúva de José António da Silva Moura.

— Em 18 de Dezembro, José Borges Maia, de 72 anos, casado com Rita Cândida Mendes.

— Em 26 de Dezembro, José Alves de Campos, de Parente, casado com Idalina Alves Fonseca.

Que Deus tenha em descanço estas almas que já partiram.

Boas-Festas — A todos os naturais de Alvoco das Várzeas, quer se encontrem na sua terra, quer fora dela, o seu pároco deseja que o presente ano comece sob as bênçãos de Deus, progredindo sempre mais e mais na Sua santa presença.

São Sebastião da Feira

Casamento — No dia 18 de Dezembro, consorciaram-se nesta igreja paroquial, José da Fonseca Mendes, filho de Joaquim Mendes e de Adelaide da Fonseca, com Maria Irene da Fonseca Afonso, filha de José Afonso e Maria do Patrocínio da Fonseca. Ao novo lar as maiores bênçãos.

Falecimento — No dia 2 de Dezembro, José da Costa, de 62 anos, casado com Adelaide Augusta. Paz à sua alma.

Boas-Festas — Para os naturais de S. Sebastião da Feira, em qualquer parte que se encontrem vão os votos dum feliz ano sob as bênçãos do Senhor.

partidas — Após terem estado no meio de nós durante alguns meses, já partiram para Angola e Argentina, respectivamente, o sr. Fernando Tavares Príncipe e sr. Alberto da Fonseca Pereira e família.

Colheitas — No ano findo houve grande abundância de vinho, o mesmo se esperando de azeite, contrariamente ao que aconteceu no outro ano a este género. Quanto ao milho, a demasiada seca, afectou a sua produção, mormente nos lugares onde se notou a falta de água.

ANO NOVO VIDA NOVA

No dia 1 de Janeiro, todo o Mundo que regula o tempo pelo nascimento de Cristo, festejou a entrada do ano. A visão do ano novo vence facilmente a do ano findo, morto e sepultado de vez, sem qualquer esperança de ressurreição. Mas a verdade é que se passagem do ano se tem o ar de carnaval para muitos, tem em si certo gosto a Finados. Pois em verdadeira análise um ano nunca é a mais, mas sempre a menos.

A nossa ilusão faz do tempo um como que perdurável, inflexível «anel», que tal é o pitoresco significado, a temporal imagem e semelhança da palavra «ano». Nessa ilusão vemos o tempo como que repetir-se, rodar, num ciclo perfeito e perpétuo. A verdade, porém, é que o tempo não pára e muito menos retrocede. Os anos são, com efeito, os passos longos do tempo breve, num rumo a perder de vista, compasso para a eternidade. Podemos voltar-nos para trás, com alívio de males ou saudade de bens, que nunca mais avistaremos sequer o tempo que passou por nós, de relance, sem nos saudar no caminho, com um hábito quase intemporal, misterioso quase como a eternidade...

O tempo foge, o tempo voa, esvai-se como o fumo. Velocíssimo, irrecuperável. Num abrir e fechar de olhos, mais depressa ainda quando passou a meninice e a mocidade. E, todavia, como são raros os que o estimam e aproveitam como merece! (Se até se inventou o simples «passatempo»...).

O início de um ano deve, por isso, constituir sempre um ensejo benéfico de meditarmos o dom preciosíssimo do tempo que Deus nos concede e de vermos como o aproveitámos, ao serviço do nosso destino pessoal e ao serviço da sociedade em que nos foi dado nascer e viver.

O início de um ano — tão longo antes e tão breve depois — é a melhor das ocasiões de, com remorso e pena, pedirmos a Deus perdão das mil maneiras que inventámos de perder tempo, e do tempo que perdemos, dia a dia, sem darmos por isso ou de propósito; e para nos resolvermos a sentir a responsabilidade dos minutos, das horas, dos dias e dos anos que passam — e não voltam.

O tempo — ai de nós — é a condição e o rival da mutabilidade das coisas efémeras que nos rodeiam, das flores às estrelas, e até do que somos, como homens e mortais.

Dêmos neste primeiro dia do novo ano graças pelo ano findo, em que nem tudo, felizmente, foram sombras, mágoas, desgostos, desastres e desgraças, apesar dos males que afligem cada homem e cada povo. Não há dúvida de que 1965 poderia ter sido muito pior ainda...

ANO NOVO, VIDA NOVA

O dia 1 de Janeiro deve constituir, ano após ano, o convite do calendário — e do tempo — a um exame de consciência recta e a um propósito firme, para que o Ano Novo que todos saúdam e desejam seja realmente um Ano Bom, que chega, por bom sinal, na oitava do Natal.

Sem alarde, quase sem um relance de despedida, indiferente, missão cumprida, 1965 acaba de passar à história.

No Ano Bom, porém, deixemos pela ré o desânimo, o pessimismo, acaso o desespero. Ergamos os olhos da alma à esperança, que não morre nas aspirações humanas. O tempo, apesar de tudo, tem qualquer coisa de virginal. Só o homem pode corrompê-lo ou fecundá-lo.

Quando 1966 começa, erga cada qual as suas mãos em esperança e em súplica — por si, pelos seus, pelos amigos, pelos inimigos, pela Pátria e pelo Mundo.

O pêndulo do tempo não pára. O relógio do tempo tem corda imensa, quase infinita. O tempo nos leva pela mão para a eternidade, mas apenas é nosso a cada momento. A cada momento o temos e o perdemos. A cada momento se nos oferece e se nos subtrai.

Na viagem do tempo, a nau do Ano Novo conduz a toda a Humanidade. Que a boa vontade ditada pelos Anjos de Belém seja a brisa a impedi-la no oceano de doze meses até um novo Cabo da Boa Esperança e que Deus seja o farol, como é o porto a que todas as viagens vão dar, quaisquer que sejam os ciclones ou calmarias.

Assim, saudemos o Ano Novo — 1966 — com reverência, como novo ano de graça para cada alma e para o Mundo.

DINIS DA LUZ

Leia, assine e propague

VOZ DO SANTUÁRIO



FERNANDA DE JESUS GOUVEIA, no dia que terminou o seu Curso de Auxiliar de Enfermagem, em 17 de Março de 1959.

Aqui a vemos feliz e a sua felicidade também é nossa, porque foi a nossa Assistência que lhe guiou os passos e a fez feliz. Tem estado empregada nos Hospitais da Universidade de Coimbra.

Casou-se no dia 23 de Dezembro. Já não lhe será possível vir para cá trabalhar connosco, como fôra previsto. Mas onde quer que se encontre, certamente não se esquecerá da nossa obra de Assistência que lhe abriu os caminhos da vida e as portas da felicidade.

A s s i m v a i a n o s s a A s s i s t ê n c i a



Isto é em Aldeia das Dez. É sim Senhores. Brincar é a ocupação das crianças e podem crêr que a alegria faz crescer as crianças e dá-lhes saúde.

A Creche — Há quasi seis anos que o Centro de Assistência mantém em funcionamento, diariamente, uma Creche, onde umas 35 a 40 crianças passam o dia alegremente a brincar, enquanto as suas famílias se entregam à vida do campo, ou aos seus trabalhos domésticos.

A Creche é sem dúvida, uma obra de grande alcance social, pois que enquanto os seus pais se dedicam aos seus trabalhos e ocupações, os filhos são alimentados e rodeados de todos os cuidados e carinhos.

A nossa divisa é *dar-lhes saúde e alegria*.

Não pode haver alegria sem haver saúde e para haver saúde é preciso boa alimentação e vigiar para que qualquer doença que surja, seja atalhada a tempo. É melhor prevenir que remediar.

Neste ponto, e para este efeito, o Posto Médico tem prestado óptimos serviços.



Para haver saúde e alegria, não pode haver barriga vazia. Aqui está um grupo de crianças a tomar a sua refeição. Estão um pouco admiradas com os relâmpagos do fotógrafo, mas os pratos já estão vazios.

A Creche é uma obra de grande valor patriótico.

As crianças são o futuro da Pátria e da Igreja. São elas que amanhã nos hão-de substituir para continuar Portugal.

Como muito bem dizia há dias o Dr. Bissaya-Barreto, nós não precisamos de um Portugal maior, mas sim de um Portugal *melhor*. Para isso exige-se gente sadia, robusta; homens física e moralmente bem preparados para a vida que têm de viver em todos os aspectos e nas suas diversas modalidades.

Para atingir este fim é preciso cuidar das crianças desde o berço. «É sabido que muitos defeitos, certas taras e diversas anomalias que os adultos revelam, nasceram e criaram-se no berço».

É por isso que a protecção às crianças desde a primeira infância é útil e necessária. Nós já podemos apresentar provas em como isto é verdade.

Já nos passaram pela Creche e outras ainda cá estão, crianças que ficariam aleijadas, deformadas ou raquíticas, se não fossem os cuidados da Creche e a acção do Posto Médico.

Felizmente essas crianças estão hoje a desenvolver-se normalmente. Esta é a nossa consolação.

A Creche é sobretudo uma grande obra de amor: amor das crianças por amor de Deus.

Sim, só por amor se pode trabalhar em campo tão espinhoso e em missão tão delicada.

Só por amor das crianças se pode viver uma vida de sacrifícios, para que a elas nada falte.

Só por amor de Deus se pode amar assim o próximo — o próximo mais querido de Jesus — as suas criancinhas.

Só por amor de Deus se pode fechar os olhos a tanta incompreensão e tanta ingratidão.

Mas a obra continua a fazer o bem. É obra de Deus e por isso tem de ter dificuldades (e não são poucas), mas tem de ter também os seus frutos e felizmente já os está a dar às crianças, às suas famílias e aos pobres.

PRECISAMOS DE QUEM NOS AJUDE

A Creche é uma obra de amor porque vive da generosidade dos seus amigos e benfeitores.

Não tem receitas certas, não tem recursos próprios, mas tem, sim, o carinho de muitas pessoas amigas.

Eu desejava que todas as famílias da freguesia de Aldeia fossem amigas e benfeitoras da Creche: primeiro porque precisamos de quem nos ajude; segundo porque faziam bem a elas mesmas. Sim, há mais merecimento em dar, do que em receber.

Nosso Senhor prometeu recompensar aqueles que dão por amor Dele.

Graças a Deus, temos recebido algumas ajudas de algumas famílias, tanto de fóra da freguesia, como de dentro, mas há muitas famílias cá da freguesia que ainda não marcaram a sua presença.

Precisamos da ajuda daqueles filhos de Aldeia que vivem longe da sua terra natal, que andam por longes terras a ganhar a vida. Muitos podem e talvez o não tenham feito por esquecimento, pois certamente todos terão o maior prazer em ajudar a melhor obra de assistência da sua terra natal.

Amigos, a obra de Assistência, especialmente a Creche e o Posto Médico, precisam do vosso carinho e agradecem o vosso auxílio.

Ajudem-nos a dar saúde e alegria às crianças da nossa freguesia.

O QUE NOS DÃO

Uma máquina. — O Sr. António João, natural de Vale de Maceira e residente em Lisboa onde tem uma alfaiataria, deu-nos para o Patronato, há coisa de dois anos, uma máquina de costura que nos fazia muita falta (apesar de termos mais três) e que nos fez muito jeito.

Agora, no mês de Dezembro, teve a generosidade de nos oferecer outra máquina, mas desta vez de *zigue-zague*. Vai ser uma maravilha. As mestras andam num sino de contentes.

Ao amigo Sr. António João queremos agradecer este jesto tão generoso. Deus queira que sirva de estímulo para outros.

— A Senhora D. Maria da Glória Carvalho Afonso, residente em Coimbra, de visita à sua terra quis ter a generosidade de nos dar 200\$00 para as crianças.

— O Sr. Francisco de Almeida Fazendeiro, da Covilhã, deu-nos 50\$00.

— O Sr. José Francisco Castanheira, residente em Lisboa, veio visitar-nos e entregou 50\$00 para a Creche.

— A Ex.^{ma} Sr.^a D. Branca Reis de Sousa, de Aldeia de Vilar, mandou 20\$00 para o Patronato.

— D. Fernanda de Jesus Gouveia, 100\$00.

— Do Sr. António Afonso do Nascimento, de Aldeia das Dez, 100\$00.

— Do Sr. José Carlos da Silva Oliveira, residente no Lobito, 120\$00.

— Do Sr. José Marques de Oliveira, de Aldeia das Dez, 120\$00.

— No primeiro do ano, as Ex.^{mas} Senhoras D. Maria Helena Martins Amaral, residente em Cesar e sua irmã D. Branca Martins Amaral Dias Costa, residente no Porto, entregaram-nos para as crianças da Creche cinco quilos de açúcar e cinco quilos de arroz.

A todos os nossos agradecimentos e que o Coração de Jesus lhes dê a recompensa a todos.

A ESTIMADA Aldeia das Dez

Augurando-lhe o melhor resultado em proveito da Creche e Obra de Assistência no Cortejo de Oferendas que se vai realizar a 23 do corrente mês.

*Aldeia das Dez — Querida!
Para teres, com razão,
Lugar entre as mais famosas
Da nossa amada Nação
Tens a Senhora das Preces
A dar-te essa galarão.*

*Tendo ainda também
Por favor da Mãe do Céu
Alguém — que, de te honrar —
Já bastantes provas deu!
E sempre a rogar por ti
Tens o São Bartolomeu!*

*E tens, por graça de Deus,
Grandes obras existentes
Entre as quais são de notar
De efeitos surpreendentes,
Uma Creche p'rás crianças
E de Assistência aos doentes!*

*Não se trata d'um Asilo.
— Esse seria o desejo
De quem se esforça por ti,
Mas trata-se d'um ensejo
De p'rá Creche e o Posto médico
Se organizar um Cortejo!*

*Ricos, pobres, quantos possam
Fazer acções de beleza!
Tudo o que ao Cortejo derem,
Deus dar-lhes-à concerteza,
Cem por um. E aos seus Filhos
Dar-lhes-à mais gentileza!*

*Depois, se quem dá aos pobres
Faz um empréstimo a Deus!
Quem não há-de ser credor,
Ó irmãos, amigos meus,
Do Altíssimo Senhor
Que fez a terra e os Céus?!*

*Voltando ao Cortejo, temos:
Quem se poderá gabar
De ter um futuro grato?
E se a roda desandar,
Não irá ao Posto Médico
O seu auxílio implorar?
Eis aqui mais um motivo
Porque se deve ajudar!...*

*Aldeia! todos esperam
ver teu bairrismo brilhar.*

J. L.

**Leia, Assine
e Propague**

«Voz do Santuário»